

“AI PALAVRAS, AI PALAVRAS... QUE ESTRANHA POTÊNCIA, A VOSSA!

Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros¹

Resumo: Neste artigo, proponho-me a discutir concepções de graduandos do Curso de Letras do que sejam as palavras e suas potencialidades. Abrangendo quatro semestres de atividades letivas remotas, no período pandêmico (2020 a 2022), as 99 conceituações fornecidas – postadas no ambiente virtual de aprendizagem Canvas – à guisa de atividade de sondagem e/ou avaliativa, evidenciam que alguns critérios se sobrepõem a outros – aspectos funcionais semântico-pragmáticos (empregabilidade, flexibilidade, significado/sentido), que superam as menções aos formais. Numa análise qualitativa, com base em aporte teórico sociointeracionista e discursivo, percebe-se que os estudantes procedem a escolhas (lexicais, do gênero, do estilo etc.), evidenciando um projeto de dizer que evidencia maior ou menor engajamento com a atividade pedagógica proposta. Conclui-se que, embora não consigam evidenciar um conceito cabal (e por vezes repetirem certas expressões formulaicas nas concepções explicitadas), há uma e-laboração, um *ato de linguagem*, nos moldes do que discute Charaudeau (1983, 1995).

Palavras-chave: Potencial das palavras. Análise qualitativa. Abordagem sociointeracionista. Ato de linguagem.

“OH WORDS, OH WORDS... WHAT A STRANGER POWER YOU HAVE”

Abstract: In this article, I intend to discuss conceptions of undergraduates of the Letters Course of what words are and their potential. Covering four semesters of remote teaching activities, in the pandemic period (2020 to 2022), the 99 concepts provided - posted in the Canvas virtual learning environment - by way of probing and/or evaluative activity, show that some criteria overlap others - semantic-pragmatic functional aspects (employability, flexibility, significance/meaning) which surpass formal mentions. In a qualitative analysis, based on socio-interactionist and discursive theoretical support, it is clear that students make choices (lexical, gender, style etc.), evidencing a project of saying that shows greater or lesser engagement with the pedagogical activity proposal. It is concluded that, although they are not able to evidence a complete concept (and sometimes they repeat certain formulaic expressions in the explicit conceptions), there is an e-laboration, a language act, as discussed by Charaudeau (1983, 1995).

Keywords: Potential of words. Qualitative analysis. Socio-interactionist approach. Language act.

1 Pós-doutora em Estudos do Texto e do Discurso (UFMG). Mestre e doutora em Estudos Linguísticos (UFMG). Professora do PPG e da graduação em Letras da PUC Minas. Coordenadora do Curso de Letras/Chefe de Departamento de Letras da PUC Minas. Coordenadora Setorial de Publicações e Produções Acadêmicas da Proex PUC Minas. Editora da Revista Conecte-se! <https://orcid.org/0000-0001-8094-2329>. E-mail: evangel@pucminas.br

Introdução

Principiando essa discussão sobre a palavra, aludo, como mote (e título), ao belo poema ceciliano² “Romance das palavras aéreas”, integrante de sua obra *Romanceiro da Inconfidência* (1967). As palavras vão no vento, ao serem enunciadas oralmente, e, em sua efêmera existência, podem (trans)formar mundos e (des)construir realidades. A esse respeito, o filósofo espanhol Larrosa Bondía (2002), em belíssimo ensaio sobre língua(gem) e experiência, reiterando sua convicção de que “as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação” (2002, p.20), afirma:

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso. Todo mundo sabe que Aristóteles definiu o homem como *zôon lógon échon*. A tradução desta expressão, porém, é muito mais “vivente dotado de palavra” do que “animal dotado de razão” ou “animal racional”. (...) O homem é um vivente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra. (LARROSA BONDÍA, 2002, p.20-21, grifos meus).

2 [MEIRELLES](#), Cecília. *Obra Poética*. 2a Ed. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1967, p.560-561.

A justificar tal empréstimo – longo excerto –, vale lembrar que o outro habita em nós, e, às vezes, é difícil, mesmo num texto acadêmico, não ecoar uma voz a que atribuímos maior beleza e exatidão do que foi dito. Para Bakhtin ([1929] 2003, p. 101), “toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala.” Assim, o presente artigo traz uma discussão do valor e da força da palavra, da essencialidade do agir humano por meio da língua(gem): embora novo, “irrepetível” – no sentido de que não há outro texto idêntico a este –, é familiar, no que tange à polifonia que aqui se reconhecerá, seja por meio da alusão a ideias (endossando ou confrontando-as, intertextualmente), seja pelo recurso a diferentes formas de marcar a presença de outrem na construção deste discurso (citações diretas e indiretas, paráfrases, ilhotas citacionais etc.).

Rotineiramente lidamos com uma série de conceitos ou noções, das mais diferentes esferas e níveis de complexidade, como se fossem cristalinos, estabelecidos de forma inequívoca para todos de uma determinada comunidade – de falantes, de profissionais etc. A uma mínima reflexão sobre eles, nota-se que atuamos com certos reducionismos, a fim de representar a realidade ou lidar com ela, falar do que/de quem nos cerca com alguma segurança (ainda que esta seja bem tênue).

O linguista Mario Perini (1997), na esteira das concepções gerativistas chomskyanas (de que somos dotados de um aparato inato que se revela tanto no domínio de uma Língua-E (external) quanto de uma Língua-I (internal)), assegura que os falantes nativos de uma língua natural qualquer dominam uma “doutrina gramatical implícita” (o conhecimento vernacular, tácito sobre a língua) e uma “doutrina gramatical explícita”:

nosso conhecimento da língua é ao mesmo tempo altamente complexo, incrivelmente exato e

extremamente seguro. (...) Será preciso, primeiro, distinguir dois tipos de conhecimento, aos quais se dão as designações de “implícito” e “explícito”. (...) qualquer falante de português possui um conhecimento implícito altamente elaborado da língua, muito embora não seja capaz de explicitar esse conhecimento. (PERINI, 1997, p. 3; grifos meus).

Para confirmar seu ponto de vista, apresenta e discute variados exemplos (como a sequência “Os meus pretensos amigos em Belo Horizonte”) e evidencia que somos capazes de emitir julgamentos de aceitabilidade bastante uniformes (descartando, por exemplo, *Meus os em Belo Horizonte pretensos amigos), mesmo que não tenhamos tido contato previamente com dada expressão ou sentença; não sendo aprendizagens escolares, ou mesmo competências de que tenhamos consciência, tratar-se-ia de “mais um aspecto do nosso conhecimento implícito dos mecanismos da nossa língua; somos capazes de tomar decisões e fazer julgamentos de aceitabilidade com segurança, baseando-nos em um tipo de conhecimento que manejamos com facilidade quase incrível” (PERINI, 1997, p.4-5). Assim, evidenciamos nosso conhecimento gramatical por sabermos selecionar adequadamente as palavras e as enfrasarmos de forma apropriada, o que demanda um conhecimento sofisticado do emparelhamento forma / significado: esse domínio tácito ou explícito, tem sido um dos principais objetos de investigação da ciência linguística, contemporaneamente.

Este artigo se organiza da seguinte forma: feito esse preâmbulo, em que alguns esteios da análise a ser mostrada já se evidenciaram, na próxima seção apresento concepções teóricas caras à análise. Em seguida, trago dados produzidos por 99 estudantes do 3º e 6º períodos do Curso de Letras (num universo de 144) de uma instituição de ensino superior (IES) comunitária, a PUC Minas. Por fim, algumas considerações à guisa de conclusão – certamente, sem pretensão de exaurir o tema.

2. Língua, discurso, enunciado, palavra: diferentes perspectivas, diferentes concepções

No escopo de um conjunto de abordagens denominadas formalistas, como a Gerativa, defendida por Peter Culicover (2014), tem-se como premissas que: a) língua é conjunto de cadeias de palavras e morfemas, a que se atribuem condições de boa formação ou regras; b) as regras constituem a gramática de uma língua e são parte do conhecimento linguístico do falante nativo; c) uma tarefa do linguista é formular e testar hipóteses sobre o que as regras da língua são, ou seja, determinar a gramática; d) tanto o conhecimento do falante quanto a hipótese / testagem do linguista são acepções de “gramática” (CULICOVER, 2014, p. 465-4663, tradução minha). Embora não discorde de algumas premissas dessa abordagem, entendo que ela, por deixar o falante fora do ato de língua(gem), já que se toma como pressuposto um “falante ideal”, foca numa das dimensões (a formal), mas negligencia outras.

Tentativas de compreender o que conhecemos da realidade e como a conhecemos / a representamos (metacognição) vêm desde a Antiguidade Clássica, a cujos alicerces filosóficos nos remetemos, não raro, para respaldarmos discursos e análises atuais. Contrapondo-se a uma concepção de vinculação direta entre realidade / representação desta pela língua(gem) – a que denomina “objetivismo abstrato” –, Volóchinov pondera que:

- 3 No original, “A central assumption of Mainstream Generative Grammar (and other theories) is that a language is a set of strings of words and morphemes that meet a set of well-formedness conditions. In MGG these are expressible as RULES. The rules constitute the grammar of the language and are part of the native speaker’s linguistic knowledge. One task of the linguist is to formulate and test hypotheses about what the rules of a language are: that is, to determine the grammar. The linguist’s hypothesis and the native speaker’s knowledge are both called the GRAMMAR.” (CULICOVER, 20014, pp.465-466).

A língua, como sistema de formas normativas e idênticas é uma abstração que pode ser justificada de modo teórico e prático apenas do ponto de vista da decifração e ensino de uma língua alheia e morta. Esse sistema não pode ser a base à compreensão e explicação dos fatos linguísticos em sua vida e formação. Ao contrário, ele nos desvia da realidade viva e em formação da língua e de suas funções sociais, embora os defensores do objetivismo abstrato pretendam que o seu ponto de vista tenha uma significação sociológica. A base teórica do objetivismo abstrato se origina nas premissas do pensamento racionalista e mecanicista, dificilmente capazes de fundamentar a compreensão correta da história, apesar de a língua ser um fenômeno puramente histórico. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 199; grifos meus).

Essa perspectiva implica considerar que os elementos específicos da língua – categorias abstratas (como palavras, expressões, frases, locuções etc.) – são portadores de significação somente porque inscritos no quadro de um sistema linguístico específico, com o aporte de um quadro de referências peculiar (o daquela comunidade de falantes); a partilha desses valores é que subjaz à construção dos enunciados, sempre novos e únicos, a cada (inter)ação linguageira (enunciação) dos sujeitos falantes. Refletindo sobre a importância do papel de sujeitos ativos, que interagem na/pela língua(gem) – já que é por meio dela que nos constituímos intersubjetivamente, numa relação dialógica e responsiva, Bakhtin salienta:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (BAKHTIN, 2003, p. 113).

Assim, é compreensível a afirmação de que os sentidos das palavras são sempre contextuais: elas expressam, a cada vez, julgamentos de valor que anunciam/enunciam/ denunciam um sistema axiológico em que se inscrevem esses (co)enunciadores. Essa contextualidade das enunciações acaba por marcar todo discurso por um diálogo com textos (intertextualidade) e discursos (interdiscursividade) outros, o que leva Authier-Revuz (2004) a afirmar que “não é senão em relação aos outros discursos, no ‘meio’ que eles formam e ‘com’ eles, que se constrói todo discurso; os outros discursos são seu exterior constitutivo” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 35).

Também para Foucault (2008), as relações a serem analisadas a partir dos enunciados, não se inscrevem estritamente no âmbito do explicitado pelas palavras, mas, de forma mais abstrata, em dimensões que lhe são externas:

As relações discursivas (...) não são internas ao discurso: não ligam entre si os conceitos ou as palavras; não estabelecem entre as frases ou as proposições uma arquitetura dedutiva ou retórica. Mas não são, entretanto, relações exteriores ao discurso, que o limitariam ou lhe imporiam certas formas, ou o forçariam, em certas circunstâncias, a enunciar certas coisas. Elas estão, de alguma maneira, no limite do discurso: oferecem-lhe objetos de que ele pode falar, ou antes (pois essa imagem da oferta supõe que os objetos sejam formados de um lado e o discurso, do outro), determinam o feixe de relações que o discurso deve efetuar para poder falar de tais ou tais objetos, para poder abordá-los, nomeá-los, analisá-los, classificá-los, explicá-los etc. Essas caracterizam não a língua que o discurso utiliza, não as circunstâncias em que ele se desenvolve, mas o próprio discurso enquanto prática. (FOUCAULT, 2008, p.50-51, grifos meus).

A palavra está sempre carregada de conteúdo(s), de sentido(s) ideológico(s) ou vivencial(-is): reagimos a elas quando ressoam em nós, quando se organizam em enunciados, em textos, nos quais se materializam discursos.

Charaudeau (1983 apud MACHADO, 2019) substitui o termo “enunciado” por conceito mais amplo e compreensivo, utilizando o sintagma “ato de linguagem”. A cada momento que este ocorre, as palavras assumem nuances diferentes, a depender de quem fala (que vozes permeiam sua fala) e para quem fala; de que contexto ou situação particular este sujeito fala e seu coenunciador responde; com que intenções o fazem; que pontos de vista, nesse ato de linguagem, assumem ou imputam a outros etc. Isso implica dizer que o sujeito comunicante / interpretante age sobre o mundo (e é afetado por esse agir e suas consequências):

Um ato de linguagem [...] é fruto de uma intencionalidade, a dos sujeitos falantes, parceiros de uma troca. Ele depende, pois, da identidade destes, resulta de uma visada de influência e traz em si um propósito sobre o mundo. Além disso, ele se realiza em um dado tempo e espaço, determinando o que chamamos comumente de uma situação. (CHARAUDEAU, 1995, p. 101).

Aprender a falar uma língua significa aprender a construir enunciados, organizados em gêneros (orais ou escritos) – significa, também, ir introjetando um sistema de referências, de representações, de crenças etc. Em relação à forma com que revestimos nossos enunciados, “[os] gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, nós adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras.” (BAKHTIN, 2003, p.283). Então seria correto dizer que não aprendemos palavras ou gêneros como categorias estanques, já que não enunciamos nem compreendemos o que recebemos, responsiva / responsabilmente, com base em segmentos dissociados de um contexto.

Ao discursivizarmos nossa visão do mundo e da realidade, “sempre trazemos de antemão o todo da nossa enunciação, na forma tanto de

um determinado esquema de gênero quanto de projeto individual de discurso. Não enfiemos as palavras, não vamos de uma palavra a outra, mas é como se completássemos com as devidas palavras a totalidade” (BAKHTIN, 2003, p. 292; grifos meus) – ou seja, cenarizamos o mundo e nossas intenções/ intencionalidades por meio da palavra: é da essência do humano “ser palavra” e agir pela palavra. No entanto, nem sempre nos apropriamos de todas as palavras ou as usamos de forma concertada: isso se relaciona ao nicho sociocultural, econômico, geopolítico etc., em que nos inserimos. Uma forma de explicitar isso, seria afirmar, com Volóchinov (2018) que:

A palavra é o *médium* mais apurado e sensível da comunicação humana. A significação, a representatividade da palavra como fenômeno ideológico e a clareza excepcional da sua estrutura sígnica já seriam suficientes para colocá-la no primeiro plano da ciência das ideologias. (...) A realidade da palavra, como a de qualquer signo, está localizada entre os indivíduos e é produzida por meio do organismo individual, sem a ajuda de quaisquer instrumentos e sem nenhum material extracorporeal. Isso determinou o fato de que *a palavra se tornou material sígnico da vida interior: a consciência* (discurso interior). Pois a consciência foi capaz de se desenvolver apenas graças a um material flexível e expresso por meio do corpo. A palavra foi justamente esse material. (VOLÓCHINOV, 2018, pp. 99-100; grifos do autor).

Ressalte-se que esse autor faz uma distinção no que tange ao uso das palavras e enunciados, seja na nossa língua materna (vernacular), seja numa outra: para ele, “[a] palavra materna é ‘de casa’, e ela é percebida como uma roupa habitual, ou melhor ainda, como aquela atmosfera costumeira na qual vivemos e respiramos.” (VOLÓCHINOV, 2018, p.188); já uma “palavra alheia estrangeira” pode trazer grandes embarços e obstáculos tanto em sua seleção quanto em seu emprego, dada a ausência de familiaridade, ao domínio mais profundo das multiplicidades de sentidos e potencialidades.

Sendo os gêneros (para Bakhtin e Volóchinov) mediadores entre as práticas de linguagem e as construções de língua dos falantes, pode-se compreender que as formas (lexicais e/ou gramaticais) são adquiridas por suas propriedades comunicacionais e sociopragmáticas. A aprendizagem e o uso se dão a partir de suas propriedades funcionais, em contextos comunicativos significativos, inscritos no nível das esferas de atividades e dos gêneros do discurso:

A língua materna - sua composição vocabular e sua estrutura gramatical - não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam. (BAKHTIN, 2003, p.282-283).

Nem sempre é fácil, porém, perceber, por meio da materialização (o discurso), os liames subjacentes à discursivização. Nossos discursos se acham povoados (mas não determinados) por discursos prévios, que se vão amalgamando como se fossem coisas pensadas por nós, originalmente ditas por nós sem que antes tenham sido enunciadas, jamais; essa ilusão é constitutiva do discurso (os “esquecimentos”, conforme Pêcheux). Para ele, um texto nunca é isolado, porque integra uma “matriz do sentido, inerente à formação discursiva” de que este faz parte. Seria impossível uma leitura subjetiva (personalista) de um texto (a despeito das ambiguidades sintáticas e/ou semânticas presentes), porque se dá um “esquecimento da ordem da enunciação”, que seria uma “ilusão referencial”, constitutiva do “efeito-sujeito em relação à linguagem”, nomeado por Pêcheux como “esquecimento nº 2”: o sujeito crê na “possibilidade monossêmica da linguagem”, no entanto lança mão de determinadas construções parafrásticas, e não de outras, em seu discurso, embora sempre haja tais potencialidades (CORACINI, 2005, p. 36). Nossas seleções lexicais, com que aparentemente relacionamos de forma natural palavras e coisas, são

direcionadas por aspectos dos quais não temos consciência, e isso nos dá uma sensação de realidade do pensamento expresso em nosso discurso.

O outro esquecimento – o de número 1 ou “ideológico” é do âmbito do inconsciente: temos a “ilusão da originalidade do nosso dizer”, embora, na realidade, estejamos sempre retomando sentidos preexistentes. Para Orlandi, “esse esquecimento reflete o sonho adâmico: o de estar na inicial absoluta da linguagem” (ORLANDI, 2003, p.35). Embora se realizem em nós/nossos discursos, os sentidos são determinados pelo nicho socioeconômico, político, ideológico em que nos inscrevemos, com as correspondentes formações discursivas (FD) com que lidamos cotidianamente.

Assim, em cada enunciado apresentado interpenetram-se interdiscursos: aquilo que ora se fala já foi dito em outro tempo e espaço, o que revela que as palavras não são exclusivas daquele que as profere: as palavras “significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nossas palavras” (ORLANDI, 2003 p.32); em decorrência, “o sentido é determinado pelas posições ideológicas e as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que a empregam” (ORLANDI, 2003 p.43)⁴. Perceber / apreender o que é efetivamente comunicado num ato de linguagem pressupõe a compreensão de processos socio-cognitivos, pragmáticos e retóricos situados ou focalizados.

Charaudeau (1995, p.101) pondera que cada ato de linguagem resultaria em duas atividades languageiras, a “simbolização referencial” e a “significação”, como instauradoras do processo de semiotização do mundo. Trata-se de um processo complexo, tanto de um sujei-

4 Não foi pretensão deste trabalho verticalizar em nenhuma das versões teóricas aqui trazidas, complexas e que já suscitaram teses e obras inteiras. Antes, visou-se a tecer um panorama do aporte das últimas décadas sobre a palavra e o discurso, mostrando que muitas dessas abordagens não dialogam entre si, mas enfocam a palavra e(m) suas multifaces nas práticas languageiras.

to individual quanto coletivo, que remete a um duplo movimento: para dentro (endocêntrico) e para fora (exocêntrico) daquele ato de linguagem específico. Nesse sentido, seu ponto de vista coaduna-se com a afirmação de que toda palavra é sempre bivocal, porque é fruto de uma troca dialógica. Isso implica, para Machado (2019), que, num ato linguageiro,

entramos em contato com esse *eu linguageiro* ou *sujeito de linguagem* que, ao exprimir seus enunciados, passa de indivíduo ou *sujeito-comunicante* possuidor de uma vida fora da linguagem a *sujeito-enunciador*. Este, por sua vez, ao usar a palavra, dirige-se a um *tu-ideal*, um *tu-imaginário* (no caso da comunicação escrita) ou então a um *sujeito-destinatário* preciso (no caso da comunicação oral). Se tudo se passar bem, se o enunciado enviado ao outro – no caso, o sujeito que o interpretará o *eu-interpretante* (tal como Charaudeau o nomeia em seus primeiros escritos, tais como os de 1983) for mais ou menos aceito, o circuito da comunicação estará operando-se. (MACHADO, 2019, p.762).

Authier-Revuz defende que as diversas “línguas” dentro de uma língua (os falares, as distintas perspectivas criadas – literárias, ideológicas, sociais) não se excluem mutuamente, mas se intersectam de formas diferentes, se entrecruzam em novos falares, sempre em relações dialógicas:

As línguas são concepções do mundo, não abstratas, mas concretas, sociais, atravessadas pelo sistema das apreciações, inseparáveis da prática corrente e da luta de classes. É por essa razão que cada objeto, cada noção, cada ponto de vista, cada apreciação, cada entonação, que se encontra no ponto de intersecção das fronteiras das línguas – concepções do mundo – é englobado numa luta ideológica violenta. (BAKHTIN, 1934, p.113 *apud* AUTHIER-REVUZ, 2004, p.30).

Assim, é plausível falar que um “jogo complexo das fronteiras móveis, que constituem, atravessando, esses “falares” é o de práticas linguageiras socialmente diversificadas e contradi-

tórias, inscritas historicamente no interior de uma mesma língua” (idem, p.30). Esse plurilinguismo ou coexistência de vozes revela pontos de vista específicos sobre o mundo (conforme salientado por Bakhtin, acima, em excerto de *Du Discours Romanesque*, 1934).

3. Analisando concepções de estudantes de Letras

Comunicamo-nos por textos, que veiculam discursos – não usamos itens soltos, desconexos, fora de um enfrasamento adequado, conforme salienta Marcuschi (2008):

Todos nós sabemos que a comunicação linguística (e a produção discursiva em geral) não se dá em unidades isoladas, tais como fonemas, morfemas ou palavras soltas, mas sim em unidades maiores, ou seja, por textos. E os textos são, a rigor, o único material linguístico observável, como lembram alguns autores. (MARCUSCHI, 2008, p. 71).

Entretanto, na maioria das vezes, nos Cursos de Letras, não é possível abarcar o epifenômeno que é a língua de uma vez; por razões didáticas, é preciso modularizar o foco: uma disciplina prioriza a fonética e fonologia, outra, a morfologia, a sintaxe, a pragmática. É preciso deixar claro aos alunos que, apesar de os holofotes estarem sobre um dos componentes, em nenhum momento se pode desconsiderar que, mentalmente, não há tal modularização (conforme duradoura crença, sob o reinado da teoria gerativo-transformacional – abordagem cognitivista que vem sendo revista, atualizada, a partir de novos conhecimentos sobre a mente/o cérebro humanos e sua capacidade de linguagem).

Nesta seção, trago à luz a análise de dados que venho coletando sistematicamente – alguns, sob a égide de uma sondagem (diagnóstico inicial), ou de atividades cotidianas –, no bojo de duas disciplinas – Tópicos Gramaticais (3º período) e Morfologia e Léxico (6º período) do Curso de Letras em uma universidade comunitária,

a PUC Minas. Não sendo atividades avaliativas, os alunos são convidados a realizá-las, mas não há sanção, caso não o façam. Dado um prazo para que opinem, normalmente, a primeira semana de aulas, é feita a discussão dos conceitos apresentados por eles, para evidenciar o que está no cerne da compreensão já introjetada de cada categoria, bem como o que ficou faltante. Esse é o ponto de partida para as leituras teóricas subsequentes. Um critério para a atividade é que devem explicitar seus conceitos sem consulta a fontes quaisquer (impresas ou virtuais).

Abordo, aqui, os que selecionei dos quatro últimos semestres letivos (2º semestre 2020, 1º e 2º semestres de 2021 e 1º semestre de 2022), dada a facilidade de ter os registros no ambiente de aprendizagem do ensino remoto, o Canvas, antes do retorno ao presencial.

Usamos substantivos basicamente para nomear e categorizar - nem sempre, porém, as (sub)categorizações são discretas, com traços facilmente recortáveis. As concepções explicitadas por alunos de graduação, a seguir, evidenciam a dificuldade em estabelecer limites de cunho formal, funcional ou semântico-pragmático.

Na disciplina Morfologia e Léxico, no 6º período, turma do 1º semestre de 2021, foi pedido aos alunos que conceituassem “frase” e “palavra”. Vejamos as respostas – apenas 5 estudantes – de uma turma de 26 – responderam:5

Nesse caso, notam-se conceitos “protocolares” de frase, similares ao que são difundidos nas gramáticas normativas estudadas na educa-

5 Como se tratava de um fórum, o(a) graduando(a) deveria responder primeiro e depois veria as respostas dos colegas. Alguns davam “likes” nos conceitos formulados por colegas, evidenciando aprovação / endosso. As respostas foram transcritas como se encontravam, sem correção de minha parte, a fim de não falsear o registro feito pelos estudantes. Também optei por não colocar “sic” evidenciando desvios linguísticos, porque o objetivo da atividade não era o de promover retextualizações a partir de uma norma ortográfica (considerando-se aqui tanto a “ortografia lexical” (convenções ortográficas) quanto a “ortografia gramatical” (no que tange à concordância verbal / nominal, regência verbal / nominal, colocação pronominal etc.

ção básica, sem reflexões adicionais sobre os limites da abordagem gramatical frástica: veem-se equívocos referentes a “toda palavra com sentido completo” (nem toda palavra completa é frase) além de que uma frase monossilábica pode ser descontextualizada. Quanto à conceituação de palavra, repetem-se versões parciais do conceito – ex. “É um conjunto de sons” – ou letras” – e a indicação de ser um “lexema”, termo técnico não esclarecido. Embora os critérios adotados – formais, sintáticos, semântico-pragmáticos – sejam pertinentes, não são suficientes para uma visão consistente.

Abaixo, compilaram-se resultados de respostas de alunos do 3º período, na disciplina Tópicos Gramaticais, à pergunta: “para você, o que é palavra?” Foram obtidas 15 respostas de uma turma com 32 graduandos.

Quadro 2. Concepções de estudantes de Letras (2º semestre de 2021) - Para você, o que é palavra?

1. “Palavra é um grupo de determinadas letras que se unem e formam um sentido, letras sozinhas não significam nada, mas quando estão juntas formam palavras, aí começa a ter sentido, pois palavras formam frases, que formam textos e por aí vai.” (TF)

2. “Um conjunto de letras que passam a significar algo. Não tem muita regra de tamanho forma se é falado pela boca ou pelos gestos.” (LS)

3. “Uma manifestações verbal ou escrita formada por um grupo de fonemas e códigos complexos.” (PA)

[e completa]:

“Os códigos linguísticos profa, como por exemplo o Alfabeto.” (PA)

4. “Palavras seriam junções de letras que nomeiam as coisas que nós temos, fazemos, somos e dão sentidos as frases e contextos...” (LK)

5. “Palavra me remete ao conceito de classe

gramatical, pois na escola nós vemos várias classes gramaticais que são diferentes umas das outras.” (LG)

6. “Uma forma de se expressar quando juntas em um determinado contexto.” (KR)

7. “Expressões que significam o cotidiano” (KM)

8. “Palavras são signos que nomeiam, coisas, sentimentos, pessoas.” (MG)

9. “Reunião de letras que configuram sentido, expressão” (MO)

10. “Palavra é a atribuição de significados as coisas.” (SP)

11. “Palavra seriam letras que juntas nos dão a oportunidade de expressão e comunicação” (IS)

12. “Palavra é uma unidade linguística que é constituída por um conjunto de letras. O objetivo dessas junções são representar ideias.” - like 1 – (JD)

13. “A palavra é uma forma de compor significado aos objetos da realidade” - like 1 – (FJ)

14. “Uma combinação de códigos com a capacidade de atribuir sentido a algo, de forma que ela possa representar um conceito.” - like 1 – (IM)

15. “Palavra é uma capacidade humana de tentar expressar e nomear as coisas” - like 1 – (DA)

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Nota-se, nos conceitos explicitados pelos alunos, o recurso a critérios variados, como:

- a) *Formal*: “Palavra é um grupo de determinadas letras que se unem”; “letras sozinhas não significam nada”; “Palavra me remete ao conceito de classe gramatical, pois na escola nós vemos várias classes gramaticais que são diferentes umas das outras”; “Não tem muito regra de tamanho forma se é falado pela boca ou pelos gestos..”; “Uma manifestações (sic) verbal ou escrita formada por um grupo de fonemas e códigos comple-

xos”; “seriam letras que juntas ..”; “reunião de letras”; “Palavra é uma unidade linguística que é constituída por um conjunto de letras”; “A palavra é uma forma”; “Uma combinação de códigos”;

- b) *Semântico-pragmático*: “Um conjunto de letras que passam a significar algo”; “e dão sentidos as (sic) frases e contextos”; “nomeiam as coisas que nós temos, fazemos, somos”; “Expressões que significam o cotidiano”; “Palavras são signos que nomeiam, coisas, sentimentos, pessoas.”; “Uma forma de se expressar quando juntas em um determinado contexto”; “Palavra é a atribuição de significados as (sic) coisas”; “seriam letras que juntas nos dão a oportunidade de expressão e comunicação”; “O objetivo dessas junções são (sic) representar ideias”; “forma de compor significado aos objetos da realidade”; “a capacidade de atribuir sentido a algo, de forma que ela possa representar um conceito”; “Palavra é uma capacidade humana de tentar expressar e nomear as coisas
- c) *Sintático*: “palavras formam frases, que formam textos e por aí vai”; “

Se tentarmos sintetizar, temos que: “Palavra” é uma unidade [um conjunto de letras / fonemas / sílabas / uma forma linguística] / “códigos” (“símbolos” / “alfabeto”)]; é um signo [que nomeia, representa: ideias, sentidos, significados, conceitos]; tem função de [dar oportunidade de comunicação e expressão]. Considerando esse feixe de traços, parece-me que se abarcam as várias dimensões do que seja “palavra” – no entanto, cada graduando não a percebe de forma global, mas sempre destacando uma nuance. Além disso, que se pode dizer do modo verbal utilizado em grande parte dos conceitos, o futuro do pretérito? Uma hipótese seria o uso como indicativo de probabilidade, de possibilidade – tentativamente, o aluno vai elaborando sua conceituação (foi pedido que não consultassem materiais da disciplina em busca de conceitos prontos); outra possível interpretação é que os respondentes não queriam comprometer-se totalmente como enunciadores, imputar-se um ponto de vista que, posteriormente, se verificaria incorreto. De toda forma, é interessante notar

que, a despeito da formação escolar tradicional, em que critérios formais têm prioridade, aqui os semântico-pragmáticos (do uso, do valor referencial para a representação de ideias, para a “expressão e comunicação”) prevalecem.

Como dinâmica inicial da disciplina Morfologia e Léxico, turma de 6º período (1º semestre / 2022), obteve-se o retorno de 25 respondentes, numa turma de 26 alunos:

Quadro 3. Concepções de estudantes de Letras (2º semestre de 2021) - Para você, o que é palavra?

1. “unidade lexical básica conforme admissão ao dicionário”. (BD)

2. “Palavra é o que promove a tessitura de textos que, por sua vez, promovem discursos para fazer sentir, para fazer sentido”. (CV)

3. “A junção de sons a significados (signo e significante). Também entendo palavra como ‘unidades’ da língua, estabelecidas convencionalmente por uma determinada comunidade de falantes”. (JW)

4. “conjunto de signos que formam um sentido”. (AL)

5. “Organização de letras e sílabas aos quais foram atribuídos sentidos” (LV)

6. “um conjunto de signos que formam um conceito semântico e sintático, assim podendo funcionar junto a outras palavras” (EL)

7. “Conjunto de letras que se juntaram devido a algum contexto histórico para expressar algo”. (AM)

8. “Palavra é um conjunto de signos que exprimem um significado e podem ser enquadrados sintaticamente”. (VS)

9. “Palavra: unidade designadora”. (MB)

10. “Conjunto de fonemas que expressam ideias. Palavras podem ser proferidas e escritas.” (LP)

11. “Conjunto de morfemas que juntos formam um significado”. (LC)

12. “conjunto de sons e letras de uma língua. Uma unidade da linguagem.”

13. “Manifestação da linguagem”. (TA)

14. “Palavra: uma categoria sintática; conjunto de letras com significado.” (LG)

15. “Palavra é a tradução mais ampla de todas as ações, emoções, coisas, lugares, pessoas, a definição de tudo!” (IC)

16. “Palavra? Representação multiforme”. (SG)

17. “O que dá sentido ao texto por meio da linguagem.” (SA)

18. “Som imagético. Força vital.” (LG)

19. “Palavra: um conjunto de morfemas organizados de uma determinada maneira, variando de acordo com a língua.” (AB)

20. “Palavra é o que acontece quando juntamos a vontade de ser entendido com a capacidade humana de falar.” (AP)

21. “Um signo, codificado, que através de significantes gráficos, devidamente combinados, carrega o potencial de despertar significados.” (RR)

22. “Palavra: é uma unidade oral ou escrita, que em conjunto e/ou inseridos em um contexto expressa um pensamento / emoção / ideia” (IV)

23. “Quando em conjunto dá significado a nossas emoções.” (DG)

24. “Para a fonologia, é o conjunto de fonemas de caráter semântico, de ordem cultural / geográfica. Para a sintaxe, é o elemento na ordem sintagmática, cuja função dependerá de

sua posição ou ordem morfológica”. (IV)

25. “Uma expressão que identifica alguma coisa” (MC)

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Como no quadro precedente, vemos o recurso a variados critérios:

- a) *Formais*: “unidade lexical”; “junção de sons a significado (signo e significante)”; “organização de letras e sílabas”; “unidades estabelecidas convencionalmente”; “som imagético”; “unidade oral ou escrita”; “conjunto de fonemas”; “signo, codificado”; “admissão no dicionário”;
- b) *Semântico-pragmáticos*: “inseridos em um contexto expressa um pensamento / emoção / ideia”; “unidade designadora”; “carrega o potencial de despertar significados”; “dá significado a nossas emoções”; “é o que promove a tessitura de textos que, por sua vez, promovem discursos para fazer sentir, para fazer sentido”;
- c) *Sintáticos*: “, é o elemento na ordem sintagmática, cuja função dependerá de sua posição ou ordem morfológica”; [signos que] “podem ser enquadrados sintaticamente”; “formam um conceito semântico e sintático, assim podendo funcionar junto a outras palavras”.

Alguns conceitos me chamaram a atenção, por evidenciar um olhar sobre a questão da materialização dos textos / discursos por meio das palavras, não apenas com o olhar sobre o aspecto formal:

- a) “Palavra é o que **promove a tessitura de textos** que, por sua vez, **promovem discursos** para fazer sentir, para fazer sentido”.
- b) “Palavra é o que acontece quando **juntamos a vontade de ser entendido** com a capacidade humana de falar.”
- c) “Palavra? Representação multiforme”.

Noto, aqui, uma maior visada sobre o conceito de palavra, no que tange à consideração da tessitura textual, que se dá por meio desse elemento primordial, bem como do uso dela em suas múltiplas dimensões para a construção de textos / discursos a partir da representação (processos de referenciação com que transformamos

objetos da realidade em objetos-de-discurso, nos termos de Mondada e Dubois, 2003).

Por fim, trago à luz, para rápida discussão, outra atividade, desta vez, avaliativa, realizada com estudantes do 6º período (2º semestre de 2020 / 27 respondentes em turma de 30 alunos): a partir da leitura e análise do poema de Cecília Meireles – “Romance das palavras aéreas” (da obra **Romanceiro da Inconfidência**) foram instados a conceituar palavra e, em seguida, indicar qual seria a “estranha potência” desse elemento linguístico. Também precisavam postar antes a resposta para ter acesso à dos colegas. Por serem respostas longas, vou destacar (em itálico) os pontos que julgo fulcrais para a discussão em tela:

Quadro 4. Concepções de estudantes do 6º período - O que é palavra? – tendo como base a leitura de poema “Romance das palavras aéreas”

1.1 - O que é palavra? [Procurem conceituar sem consultar fontes externas]

1. “O que usamos para expressar nossas ideias, o que usamos para falar, produzir comunicação com outros e expressar sentimentos etc. Dentro de uma frase, são partículas que as formam, que são formadas por outras partículas chamadas sílabas.”

2. “Palavra é o berço de tudo que precisamos fazer, desde um poema bem arranjado até um simples pedido de desculpas ou diálogo em mesa de bar, tecnicamente é uma das noções que o ser humano tem de comunicação, em cada meio que está apresentado pode significar alguma coisa diferente. A capacidade de externar pensamentos, sentimentos, emoções e reflexões. Apesar de primordial, a palavra pode vir acompanhada de outros “adornos” tais como gestos, expressões e etc.

3. A palavra pode ser escrita, digitada, desenhada, mas nunca sai com tanta potência quanto a palavra falada com o tom certo para determinada situação.”

4. “Palavra é uma das noções que o ser humano

tem de comunicação em cada meio que está apresentado. Ela tem a capacidade de exteriorizar pensamentos, emoções e inquietudes de cada indivíduo. Sendo assim, esse processo pode ser transmitido tanto pela forma oral quanto de outras maneiras, ou seja, durante uma conversa virtual, em que ambos os lados conseguem transmitir seus pensamentos e não falar nada oralmente.”

5. “Palavra é o que conceitua objetos, situações, sentimentos e etc. Elas são carregadas de história e pré-conceitos, são mutáveis, se textualizam por meio das relações humanas. É muito comum, por exemplo, no meio de um diálogo, os envolvidos criarem palavras a partir de outras que já existem - isso mostra o quanto a palavra é viva, no poema de Cecília Meireles, vemos que ela diz: “ai, palavras, ai, palavras, / sois de vento, ides no vento, no vento que não retorna, e, em tão rápida existência, tudo se forma e transforma!”/ Essa é uma boa conceituação da mutatividade das palavras - a palavra, também, está completamente relacionada à língua. A língua, assim como as palavras, se desenrola nas relações e na história.”

6. “A palavra é o que usamos para nos comunicar, a base da linguagem, que se dá pela comunicação de uma ou mais pessoas, pelo diálogo, originado pelas frases ou palavras criadas por nós. Possuem significado e sentido, mesmo sozinhas ou acompanhadas de outras palavras.

7. “Quando eu penso em palavras, penso em unidades estruturais de um discurso. São como a língua, são entendidas e usadas naturalmente em um enunciado. Podemos inclusive criar palavras com a nossa bagagem de combinações mentais, dependendo a situação e necessidade.”

8. “Palavra é uma unidade da língua imbuída em significado, que de forma geral conceitua tudo, seja real ou irreal, como sentimentos, sensações, objetos etc.”

9. “Palavra é uma unidade linguística utilizada para formar frases e passar alguma mensagem. É um conjunto de letras (ou morfemas) que é unido para exprimir a definição de algo.”

10. “A palavra pode ser vista como uma forma de nomear as coisas, mas essa definição não vale somente para os substantivos, haja vista que as palavras estão em uma categoria maior, já que podem ser verbos, advérbios, conjunções, preposições, pronomes e, é claro, substantivos. A palavra foi criada para ser uma forma de expressão, além da maneira gestual e corporal. Estas pequenas unidades funcionam oralmente e na forma escrita, mas, por significarem tudo que conhecemos, abrangem várias definições que encadeiam discussões, textos, conversas, entre outros.”

11. “Palavras são unidades básicas de uma língua, segmentadas de maneira arbitrária e convencional, mas facilmente reconhecidas por seus falantes a partir dos conhecimentos linguísticos que eles adquirem. Embora, na escrita, as palavras sejam claramente demarcadas por espaçamentos ou sinais de pontuação, no contínuo da fala, a tarefa de determinar o que é ou não uma palavra não é tão simples. Ademais, a aquisição da escrita contribui para que o falante perceba a segmentação convencional do contínuo da fala em palavras - fato que se evidencia na escrita de uma criança em fase de alfabetização, ou de um adulto que aprende a escrever.

12. “Palavras são mecanismos inventados para materializar as concepções de mundo, tanto coletivas quanto individuais, e exteriorizar sentimentos. Além disso, são flexíveis, uma vez que podem ter sua forma e significado alterados para satisfazer as necessidades advindas da comunicação. Por fim, as palavras também podem ser entendidas como unidades complexas da língua.”

13. “Não é uma tarefa fácil definir o que seria

palavra diante da complexidade que este tema apresenta, mas poderíamos dizer que seria um recurso da língua usado para comunicação, que é bastante dinâmico.”

14. “Eu entendo palavra como uma unidade linguística que carrega um sentido em conjunto com as demais e a depender do contexto em que aparece, seja a palavra verbalizada ou escrita. As palavras, quando faladas dentro de um discurso oral, por assim dizer, não possuem separação, ou seja, a interpretação de onde acaba e onde começa uma determinada palavra vai ao encontro da capacidade do falante de compreender cada uma dessas unidades. Já as palavras escritas são um conjunto de letras separadas por espaços em branco e que, assim como na oralidade, possuem sentido. As palavras então, por fim, são essas já mencionadas unidades que se “entrelaçam”, elas juntas, seja no âmbito oral ou escrito exercem o mesmo papel. Acredito que poderia se dizer que é a menor unidade da língua, no que se refere à produção de sentido, já que letras “jogadas” não inferem sentido. Além disso, as palavras demonstram muitas coisas, são como signos, daí a noção de significante e significado, onde significado é a palavra que “ocupa o lugar” de alguma outra coisa, uma espécie de conceito abstrato, o significante, que seria o “palpável”, o objeto em si por assim dizer. Por exemplo, significante: Cama, significado: Móvel longo em que a pessoa se deita para dormir/descansar — Se não me engano esse é um conceito de Saussure. A escolha do uso de determinadas palavras ou o tom em que elas são utilizadas pode atingir de maneira diferente o leitor/ouvinte.

15. “Palavras são unidades de comunicação usadas para nos expressarmos propriamente.”

16. “Compreendo o conceito de palavra como um conjunto de símbolos gráficos – da escrita -ou fonéticos – da fala - que agrupamos formando enunciados e estes por sua vez, são utilizados para comunicação. A palavra deve se remeter a algum símbolo, um significado a qual

ela denomina, por isso, para ser compreendida como palavra deve ser um segmento gramatical e não agramatical. Em perspectiva semelhante, vemos no poema de Cecília Meireles “Romance das palavras aéreas” as seguintes estrofes: “ai! com letras se elabora...” “que estranha potência, a vossa! / todo o sentido da vida / principia à vossa porta;” que acabam por apontar a concepção de palavra sendo voltada a elaboração, uma composição formada por letras e ao seu significado, na potência que eles têm, por carregarem todo o sentido da vida.”

17. “Construções dialógicas, orais ou escritas que buscam organizar de forma coerente os pensamentos, opiniões e expressões humanas, gerando assim uma comunicação e interação social.”

18. “É a menor unidade da língua, podendo ter vários significados que apenas serão compreendidos dentro de um contexto. Dificilmente elas conseguem ser suficientes para se expressar sozinhas.”

19. “As palavras, ou itens lexicais, são componentes elementares da língua. Esses componentes combinam-se para formar as sentenças que, por sua vez, combinam-se para formar os enunciados. Essas unidades linguísticas fazem parte do léxico mental dos falantes, um conjunto de conhecimentos internalizados que são empregados nos atos de fala. Porém, na oralidade, as palavras não são naturalmente separadas, enquanto, na escrita, cada item lexical é discriminado, o que facilita sua identificação. As palavras podem ainda ser separadas em diferentes categorias, as classes gramaticais, de acordo com sua forma, seu sentido e comportamento nas sentenças - suas características semânticas, sintáticas e morfológicas.”

20. “A palavra em si pode ser vista como um objeto de importância perante a língua, em forma oral ou escrita, pois com ela os indivíduos conseguem

interagir com outros e conseguindo compreendê-las de forma concreta. Além disso a palavra e uma conjunção de letras que ajuda a identificar outros seres ou objetos em uma sociedade qualquer.

21. “De acordo com o poema de Meireles e com o que penso em relação ao assunto, creio que a noção de palavra é algo muito maior do que, por exemplo, está no dicionário. Ela não é apenas um signo ou parte de um código presente nas modalidades escrita e oral. Ela é algo que, por sua vez, carrega discursos e um “poder” – ou potência como diz a poeta – que influencia constantemente nosso modo de dizer, pensar e agir. Através da palavra, controlamos e somos controlados, influenciados e somos influenciados. Por fim, ela não é somente, como afirmei, um símbolo ou representação da linguagem, mas sim uma instância que é evidenciada em aspectos semióticos e multimodais.”

22. “Grupo de fonemas com uma significação. São utilizadas para a comunicação entre seres humanos.”

23. “De acordo com Margarida Basílio, no capítulo “Por que formação de palavra?”, palavras são elementos que nos servem para a formação de enunciados. Outra noção que nos é trazida, ainda nos primeiros parágrafos do referido texto, é a de que esses elementos são criação humana, que surge do momento de sua necessidade. Dessa maneira, considerando essa noção e, em diálogo com o poema de Meireles, é possível dizer ainda que palavras são elementos de significação, representação. Essa força representativa pode ser vista nos versos: “todo o sentido da vida/ principia à vossa porta”.”

24. “Palavra é uma unidade linguística que produz significado. Por exemplo, um conjunto de letras formam palavras. E tais palavras tem suas classificações como, substantivo, adjetivo, adverbio etc.”

25. “Unidade que caracteriza os objetos e seres do mundo. Carrega emoção, pensamento, intenção e entonação. É subjetiva nos seus significados, sempre mudando dependendo da forma qual foi empregada.”

26. “Palavra é uma unidade da língua, isto é, uma unidade composta por letras, fonemas etc., que compõem o léxico e nos ajuda a comunicar uns com os outros, seja pela escrita ou pela fala.”

27. “Palavra seria menor conteúdo da comunicação verbal, que exprime algum significado.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Uma visão geral das respostas revela o recurso a critérios:

- a) *Formais*: são “partículas” (em relação às sentenças e textos de que tomam parte) formadas por partículas (as sílabas, morfemas, as letras, etc.) – traço apontado por 4 estudantes; podem ser escritas (e demarcadas por espaçamentos ou sinais de pontuação) ou orais (e, neste contínuo, não é tão simples determinar o que é ou não uma palavra – vocábulo fonológico x morfológico); conjunto de símbolos gráficos (escrita) ou fônicos (fala) – apontado por 8 estudantes; podem ser bases para processos de formação lexical (derivação ou composição); são unidades estruturais do discurso / da língua; fazem parte do léxico mental dos falantes”;
- b) *Funcionais*: “unidade linguística utilizada para formar frases e passar alguma mensagem”; “as palavras, ou itens lexicais, são componentes elementares da língua. Esses componentes combinam-se para formar as sentenças que, por sua vez, combinam-se para formar os enunciados” (2); “...primordial, a palavra pode vir acompanhada de outros ‘adornos’ tais como gestos, expressões e etc.”
- c) *Semânticos*: “conceitua objetos, situações, sentimentos e etc.” (2); “Possuem significado e sentido, mesmo sozinhas ou acompanhadas de outras palavras.”; “menor unidade da língua, no que se refere à produção de sentido” (2); podem “ter vários significados que apenas

serão compreendidos dentro de um contexto”;

- d) *Pragmáticos*: tecnicamente é uma das noções que o ser humano tem de comunicação / um recurso da língua usado para comunicação / uma comunicação e interação social (10 graduandos); tem a capacidade de exteriorizar pensamentos, emoções e inquietudes de cada indivíduo (4); expressa intenção e entonação;

Destaco alguns conceitos que, de forma semelhante ao apontado por autores como Bakhtin e Volóchinov, indicam o eixo axiológico e ideológico das palavras:

- a) “A escolha do uso de determinadas palavras ou o tom em que elas são utilizadas pode atingir de maneira diferente o leitor/ouvinte.”
- b) “(...) a noção de palavra é algo muito maior do que, por exemplo, está no dicionário”. (...) Ela não é apenas um signo ou parte de um código presente nas modalidades escrita e oral. Ela é algo que, por sua vez, carrega discursos e um “poder”;
- c) “Construções dialógicas, orais ou escritas; uma instância que é evidenciada em aspectos semióticos e multimodais”.
- d) “mecanismos inventados para materializar as concepções de mundo, tanto coletivas quanto individuais, e exteriorizar sentimentos”.

Os alunos apresentam concepções que indicam considerarem a organização das palavras em gêneros (“é o berço de tudo que precisamos fazer, desde um poema bem arranjado até um simples pedido de desculpas ou diálogo em mesa de bar”) e da historicidade das palavras (“A língua, assim como as palavras, se desenrola nas relações e na história.”).

Por fim, focalizo uma última questão da mesma atividade avaliativa, que tomava por mote a discussão do seguinte excerto do poema:

“Ai, palavras, ai, palavras, / que estranha potência, a vossa! /
todo o sentido da vida / principia à vossa porta;
o mel do amor cristaliza / seu perfume em vossa rosa; / sois o
sonho e sois a audácia, / calúnia, fúria, derrota...
A liberdade das almas, / ai! com letras se elabora... / E dos ve-
nenos humanos / sois a mais fina retorta:
frágil, frágil como o vidro / e mais que o aço poderosa! (Cecília
Meireles)

Dada a pergunta a seguir, deveriam respondê-la com base nos conhecimentos prévios, sem recurso a outras fontes:

Quadro 5. Concepções de estudantes do 6º período: pergunta 1.2 - Em que consiste o poder das palavras, a “estranha potência” delas?”

1. “Seu poder consiste no que elas podem significar, o que elas expressam e o que podem significar. Em determinado contexto ou tom que são empregadas, as palavras têm “pesos” diferentes sobre nós e sobre o outro, o que torna sua “potência” algo estranho de se explicar.”

2. “A tal potência citada repetidamente no poema de Cecília Meireles, se dá ao fato de só a palavra poder descrever algumas coisas e em outras vezes nem ela mesma consegue ter tal função. Os humanos têm que saber usar bem este poder, para que consiga usa-la como aliada. A “estranha potência” é o que move as palavras, é o que faz que uma mesma palavra dita de modos diferentes possa ter também significados diferentes. Isso não poderia ser exercido por nenhuma outra espécie. Como citado por Perini, o “poder” é desenvolvido por todas as pessoas em seu tempo e em sua maneira, sem que saibamos o porquê.”

3. “O poder das palavras consiste na habilidade que o ser humano tem de sabê-las sem poder

exteriorizar o porquê. A sua estranha potência está na classificação de uma situação e categorizá-la com alguma palavra, com alguma expressão. Isso não poderia ser exercido por nenhuma outra espécie. De acordo com Perini⁶, esse “poder” é o mesmo que saber andar, sabemos como é feito o processo, porém não sabemos como e nem o porquê.”

4. “As palavras são o que dá sentido às coisas. Alguns sentimentos, por exemplo, são abstratos e difíceis de descrever, uma forma de dizer o que eles são, é através das palavras. A palavra amor, diz respeito a um sentimento subjetivo e até abstrato, mas compreendemos quando alguém diz: eu te amo. Porque a palavra amor está conceituando aquele sentimento. O poder das palavras está no quanto elas criam significados, servem como forma de expressão, isso me lembra o que disse Bakhtin, na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, quando afirmou que a palavra é uma espécie de ponte lançada entre um interlocutor e um ouvinte. Essa ponte é o que permite interações dos mais diversos tipos: diálogos cotidianos, palestras, ensino de algo etc. O poder das palavras reside na forma como elas conectam os falantes, são carregadas de acontecimentos históricos, criam significados e são múltiplas.”

5. “As palavras são uma das formas de se comunicar com outras pessoas e carregam significados enormes. Essa “potência” denominada por Meireles é caracterizada pela pluralidade da língua, por conseguirmos nos expressar com apenas uma palavra, e pela adaptação que as palavras sofrem em determinados contextos. Cada palavra tem seu próprio significado e propósito.”

6. “As palavras como diz Cecília Meireles, nos versos a seguir de seu poema “ROMANCE

6 No período em que estavam realizando a atividade, começamos a discutir alguns ensaios do livro *Sofrendo a Gramática*, de Mario Perini. Alguns alunos resgataram trechos da obra como aporte teórico, embora tenha sido pedido para não consultarem quaisquer textos.

DAS PALAVRAS AÉREAS”: Ai, palavras, ai, palavras, que estranha potência, a vossa! todo o sentido da vida principia à vossa porta; o mel do amor cristaliza. Tem uma potência em estruturar enunciados que comunicam até o sentido da existência. Toda significação humana, como o “sentido da vida”, o que o sentimento de amor causa em um indivíduo: “o mel do amor cristaliza” etc. São estruturados através desse poder das palavras em significar coisas que vão além do mundo “real”.”

7. “Pelo que puder compreender do poema, a “estranha potência” das palavras está em seu caráter adaptativo, em sua “mutação”, sua variabilidade. Ou seja, as palavras são potentes por se metamorfosearem, ou melhor, por serem moldadas pelos seus falantes ao longo dos tempos.”

8. “O poder das palavras consiste na força que elas têm quando se quer passar uma mensagem sobre algo ou alguém.”

9. “O poder das palavras está no fato de conseguirem resumir ou referenciar uma ideia. A “estranha potência” delas é porque ao mesmo tempo em que são capazes de definir ou referenciar algo, nos servindo como objeto para uma melhor comunicação, ela também representa uma construção fluida e falha, pois a língua está em constante mudança e, dificilmente, uma palavra conseguirá sintetizar algo perfeitamente. Principalmente quando se trata de sentimentos, que, no geral, são a base para a construção de poemas como esse.”

10. “As palavras são poderosas, afinal, por nomearem tudo que temos conhecimento, podem atingir cada pessoa de uma maneira diferente, seja por um lado positivo ou negativo. Elas podem ser vistas de forma amigável em cartas de amor, músicas, poemas, e de forma desagradável em discussões e diálogos, por exemplo. Dessa forma, as palavras podem criar efeitos diferentes em cada usuário da língua, o

que demonstra essa “estranha potência”.

11. “As palavras, no poema de Cecília Meireles, são uma metonímia para a linguagem humana. O poder das palavras advém da faculdade da linguagem, que nos é constitutiva. Nesse sentido, é por meio delas que significamos nossas experiências no mundo e, por isso, “todo o sentido da vida principia à sua porta”. Apesar de serem efêmeras como o vento, são “mais que o aço poderosas”, pois as palavras fundamentam a própria existência humana - “reis, impérios, povos e tempos” giram ao seu impulso. Eis a “estranha potência” da palavra/linguagem: é precisamente nela e por ela que “tudo se forma e transforma», que construímos nossas identidades, agindo intersubjetivamente para significar o mundo e a nós mesmos.”

12. “A “estranha potência” das palavras consiste nas múltiplas características que estas assumem e a capacidade de transitar e se renovar entre os contextos de interação, por exemplo, a dualidade significativa dos diminutivos (ora carinhosos, ora pejorativos). Vale destacar que essas características não se restringem ao campo linguístico, uma vez que as palavras indicam a posição do sujeito no tempo e no espaço, designando-o social e economicamente. Além disso, as palavras são usadas para determinar relações de poder vigentes, não só em sua forma escrita, como também na oral. Por fim, as palavras, submetidas à criatividade e à vontade humana, possuem a “estranha potência” de traduzir a complexidade e as oposições que nos compõem enquanto seres humanos.”

13. “Como diz o seguinte verso do poema em relação às palavras: “em tão rápida existência/ tudo se forma e transforma!”. Como podemos perceber, as palavras são bem dinâmicas, podemos formar novas palavras a partir de outras, podemos criar palavras novas. As palavras também assumem sentidos variados, ou seja, elas têm o poder de se transformar.”

14. “Como diria Cecília Meireles, elas possuem uma estranha potência. Num sentido mais romântico, podem doer mais que uma facada ou podem sangrar mais que um ferimento aberto. Mas na prática, as palavras são pequenas, ditas ou escritas, mas a depender da escolha de quais palavras usar em um determinado contexto, oral ou escrito, ou então qual entonação usar em uma determinada palavra, enfim, tudo isso interfere na forma como o ouvinte ou leitor interpreta aquilo que ouve ou lê. As palavras não voltam, uma vez lidas ou ouvidas, não há como “desouvir” ou “desler”, as mesmas palavras usadas para ofender podem servir para elogiar, daí a importância da intenção, do contexto e da compreensão.”

15. “O poder das palavras reside em sua capacidade de serem usadas para expressar os mais diversos e/ou complexos tópicos, de serem moldadas a todas as necessidades.”

16. “As palavras são usadas para denominar objetos, coisas, pessoas, sentimentos por isso nos transmitem um tipo de significado / significante a partir do seu signo / palavra. As palavras são um código ligado a um significado, e o conjunto delas permitem com que nos comunicamos por meio da formação de enunciados, assim, essa é a estranha potência das palavras. A potência das palavras também pode ser vista no seguinte trecho “Reis, impérios, povos, tempos, /pelo vosso impulso rodam...” nos indicando a tamanha influência que as palavras estabelecem na sociedade, são a partir de suas composições e das formações de sentenças que a sociedade encontra margem para diálogos e para rápidos desenvolvimentos.”

17. “As palavras têm a capacidade de gerar sentido. Não sabemos exatamente quando a primeira palavra foi falada ou escrita, o que sabemos é que nos primórdios da humanidade necessitava-se de maneiras concretas e compreensíveis de comunicação, então surgiu uma unidade organizacional: as palavras. Palavras são

ilimitadas, criadas e insistentes, assim como a criatividade humana; é algo extraordinário, poderoso modificável e constitutivo do humano. Assim como a citação do personagem Albus Dumbledore da Saga Harry Potter diz: “Palavras são, na minha nada humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia. Capazes de formar grandes sofrimentos e também de remediá-los.” Palavras não são apenas letras soltas, elas são nossa forma de expressão, comunicação e organização de pensamentos, o poder que uma palavra carrega é tal qual o poder de uma história, podem acalmar ou causar guerras, tudo depende daqueles que as dizem.”

18. “Conforme citado na questão anterior, as palavras podem ter diversos significados, dependendo do contexto para serem compreendidas com clareza. As palavras podem expressar sentimentos, alegria, frustrações e podem mudar rapidamente o humor de alguém dependendo da forma em que são usadas. São de extrema importância para a comunicação humana e para firmar relações. Aí consiste o poder das palavras.”

19. “O poder das palavras consiste no papel central que elas exercem nas interações simbólicas humanas, que, por sua vez, determinam a forma como percebemos o mundo. É justamente com as palavras que construímos nossa existência em sociedade e, portanto, todos os domínios da vida humana estão permeados pela linguagem verbal. No poema “Romance das palavras aéreas”, Cecília Meireles chama a atenção para esse poder, mostrando como as palavras ditam o curso da história humana e impactam profundamente as experiências subjetivas e sociais de cada indivíduo.”

20. “A estranha potência” em que Meireles aponta, a palavra tem o poder de ajudar, manipular, questionar diante de comunicações com outros seres além de ajudar na construção de frases e textos para eles conseguirem dialogar com um e outros. Além disso elas podem ser

transformadas de formas diferentes que levam a significados completamente diferentes, assim exibido mais as potências em que as palavras possuem no nosso dia-a-dia.”

21. “De acordo com Meireles (1967): “(...) todo o sentido da vida principia à vossa porta”, ou seja, se pensarmos que tudo o que existe no mundo – e falo de tudo mesmo, objetos, sentimentos, novas tecnologias – precisa ser nomeado e, se não é “nomeável”, inventa-se um jeito. O fato de quisermos (nós humanos) decodificar, analisar, inventar sempre novas nomenclaturas evidencia o fato de as palavras “terem poder” – como quer o senso comum – e de, através delas, lermos o mundo e torná-lo mais conhecido e compreensível a todos.”

22. “Trata-se do poder de criar ou contradizer sentidos, capaz de libertar ou aprisionar em diferentes contextos, capaz de construir, destruir, modificar. É através das palavras que temos concepções em diversas esferas.”

23. “A “estranha potência” das palavras consiste no poder de transformação que elas possuem. Essa característica, versificada por Meireles em “[...] e, em tão rápida existência, / tudo se forma e transformal”, é apresentada na obra “Teoria Lexical”, de Margarida Basílio, que demonstra o fenômeno da formação das palavras, seus processos e, também, as motivações que nos levam a essa criação.”

24. “Levando em conta o poema de Cecília Meireles, vemos o poder que as palavras têm. A potência de estabelecer algo ou destruir, a potência de fazer o outro entender o que nós queremos dizer. No entanto, por meio disso percebemos a tamanha importância da palavra nas relações humanas, no ato de se expressar, se comunicar etc.”

25. “A estranha potência das palavras está em seu dinamismo e contradições. São efêmeras pelo vento, mas carregam significado do mundo,

movem países, podem prender e libertar, e também, em promessas incertas.”

26. “As palavras são fonte inesgotável de expressão e comunicação. É com elas e através delas que o ser humano pode transmitir seus pensamentos, sentimentos e desejos aos seus interlocutores. São elas que compõe o léxico de uma língua e é com ela que várias obras foram escritas, como a bíblia católica e demais livros religiosos, documentos antigos, poemas, contos, crônicas, romances e outros de grandes autores como Guimarães Rosa, Graciliano Ramos etc. Além disso, é com as palavras que o ser humano interage. É como Clarice Lispector escreveu em *A Hora da Estrela* (1977): “A palavra é meu domínio sobre o mundo”.”

27. “O que consiste no poder da palavra, o poder de expressar ideias, sentimentos, adjetivo.”

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

É consideravelmente difícil reduzir o que foi dito acima, com tanta liberdade de expressão, com uma profusão de palavras, a uma visão sintética. Tentativamente, pode-se dizer que os graduandos apontaram, como potência (ou potencial) das palavras:

- a) *sua funcionalidade e plasticidade (adaptabilidade)*: “podem criar efeitos diferentes em cada usuário da língua”; “seu caráter adaptativo”; “sua variabilidade”; “é precisamente nela e por ela que tudo se forma e transforma”; “formas de se comunicar com outras pessoas e carregam significados enormes”; “potência em estruturar enunciados que comunicam até o sentido da existência”; “na classificação de uma situação e categorizá-la com alguma palavra, com alguma expressão”; “força que elas têm quando se quer passar uma mensagem sobre algo ou alguém”; “são capazes de definir ou referenciar algo, nos servindo como objeto para uma melhor comunicação, ela também representa uma *construção fluida e falha, pois a língua está em constante mudança*”; “múltiplas características que estas assumem e a capacidade de transitar e se renovar entre os contextos de interação”; “a dualidade signi-

ficativa dos diminutivos (ora carinhosos, ora pejorativos)”; “são bem dinâmicas, podemos formar novas palavras a partir de outras”; “assumem sentidos variados”; “*uma vez lidas ou ouvidas, não há como ‘desouvir’ ou ‘desler’*”; “capacidade de serem *usadas para expressar os mais diversos e/ou complexos tópicos, de serem moldadas a todas as necessidades*.”; “o conjunto delas permitem com que nos comuniquemos por meio da formação de enunciados”; “*a capacidade de gerar sentido*”;

- b) *sua contextualidade*: “o que elas expressam e o que podem significar / O poder das palavras está *no quanto elas criam significados, servem como forma de expressão*”; “*no contexto têm pesos diferentes / o que faz que uma mesma palavra dita de modos diferentes possa ter também significados diferentes*”; “a pluralidade da língua, por conseguirmos nos expressar com apenas uma palavra, e pela adaptação que as palavras sofrem em determinados contextos”; “*poder de criar ou contradizer sentidos, capaz de libertar ou aprisionar em diferentes contextos, capaz de construir, destruir, modificar*”;
- c) *seu valor para a construção de identidades e (inter)subjetividades*: “por ela que tudo se forma e transforma”, que *construímos nossas identidades, agindo intersubjetivamente para significar o mundo e a nós mesmos*”; “a tamanha importância da palavra nas relações humanas, no ato de se expressar, se comunicar *as palavras ditam o curso da história humana e impactam profundamente as experiências subjetivas e sociais de cada indivíduo*”; “As palavras são *fonte inesgotável de expressão e comunicação* / é com as palavras que o ser humano interage através delas, lermos o mundo e torná-lo mais conhecido e compreensível a todos”; “São de extrema importância para a comunicação humana e *para firmar relações*”;
- d) *seu valor simbólico, histórico e ideológico*: “o poder das palavras reside na forma como elas *conectam os falantes, são carregadas de acontecimentos históricos, criam significados e são múltiplas*”; “o poder que uma palavra carrega é tal qual o poder de uma história, podem acalmar ou causar guerras, tudo depende

daqueles que as dizem”; “são usadas para determinar relações de poder vigentes, não só em sua forma escrita, como também na oral”; “O poder das palavras consiste no papel central que elas exercem nas interações simbólicas humanas, que, por sua vez, determinam a forma como percebemos o mundo”;

- e) sua possibilidade de mostrar ao interlocutor um determinado repertório cultural (construção da autoimagem): [segundo Clarice Lispector]: “A palavra é meu domínio sobre o mundo”; “apresentada na obra “Teoria Lexical”, de Margarida Basílio, que demonstra o fenômeno da formação das palavras, seus processos e, também, as motivações que nos levam a essa criação.”; “[Assim como a citação do personagem Albus Dumbledore da Saga Harry Potter diz]: “Palavras são, na minha nada humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia. Capazes de formar grandes sofrimentos e também de remediá-los.”; “De acordo com Perini, esse “poder” é o mesmo que saber andar, sabemos como é feito o processo, porém não sabemos como e nem o porquê.”

Essa última categoria foi uma forma metadiscursiva de voltar-me ao foco desta análise: usamos, como nossas, palavras de outrem; atiramo-las a um interlocutor como forma de indicar o quanto sabemos sobre determinado tema – como Bakhtin afirmou, há tempos,

Desde o início [...] o enunciado se constrói levando em conta as atitudes responsivas, em prol das quais ele, em essência, é criado. O papel dos outros, para quem se constrói o enunciado, é excepcionalmente grande, como já sabemos. Já dissemos que esses outros, para os quais o meu pensamento pela primeira vez se torna um pensamento real [...] não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação discursiva. Desde o início o falante aguarda a resposta deles, espera uma ativa compreensão responsiva. É como se todo o enunciado se construísse ao encontro dessa resposta. (BAKHTIN, 2003, p. 301, grifo do autor).

Em todas as atividades escolares aqui apresentadas os graduandos tinham uma imagem de um enunciatário – ainda que fosse a professora, como

leitora privilegiada a quem endereçavam sua escrita, mas também os colegas, que poderiam ler e “curtir” os conceitos elaborados e postados –; nessas condições de produção (esfera escolar, ambiente virtual de aprendizagem, no período letivo remoto, atividade avaliativa ou não etc.), é plausível supor que tenham tentado fazer sua tarefa da melhor maneira, tenham feito a seleção lexical mais zelosa possível, de modo a construir uma imagem positiva de si.

5 Considerações finais

Falar sobre palavras é tarefa apenas aparentemente fácil: a complexidade (lembrando que vem do latim *complexus*, que significa: “aquilo que está tecido junto”) mostra que se trata de noção preñe de nuances, múltiplas faces e dimensões que podemos abordar. Como professores (seja do ensino fundamental, médio, superior ou pós-graduação), importa-nos conhecer as concepções prévias que trazem nossos alunos, como ponto de partida para avanços posteriores. Dessa forma, aqui se buscou evidenciar como se pode ser um “professor pesquisador” dessas acepções ou concepções: toda a análise parte do que foi explicitado por alunos de graduação em Letras, em atividades corriqueiras de duas disciplinas. Confirmando o que prenuncia Bakhtin, os graduandos “e-laboraram”, isto é, trabalharam (evidenciaram um labor, um trabalho linguístico) em que consideraram saberes partilhados, saberes específicos de um campo do saber (morfossintaxe, por exemplo), visaram construir uma atitude positiva ao texto que postaram em resposta à demanda escolar. Tudo isso reafirma que, num ato languageiro, o “eu” enunciatador reflete sobre seu discurso, considerando a quem ele se dirige (e mesmo, se vale a pena realizar este trabalho, este ato de linguagem. Muitos alunos, por não serem atividades avaliativas, não as realizaram, apenas assistiram à discussão dos conceitos expressos por colegas.

Tais apreciações levaram a que os graduandos procedessem, também, à “escolha do gênero do enunciado e a escolha dos procedimen-

tos composicionais e, por último, dos meios lingüísticos, isto é, do estilo do enunciado.” (BAKHTIN, 2003, p. 302, grifo do autor) – alguns foram sucintos, objetivos; outros, usaram conotação, escreveram de forma mais abrangente. Ser mais leve ou mais formal, evidenciar determinado repertório cultural ou não, elaborar um conceito mais amplo ou mais sucinto etc. – tudo isso vai ao encontro de um planejamento de dizer, em que várias dimensões são valoradas.

Por fim, é preciso lembrar que, num texto acadêmico, cada área tem suas regras, sua normatização – no caso das Ciências Humanas, inserções de vozes alheias (citações diretas e indiretas, alusões, ilhotas citacionais, paráfrases) têm um peso considerável, no sentido de demonstrar conhecimento da episteme da área (diferentemente da forma com que se aduzem outras fontes, por exemplo, no caso das Ciências Exatas). De toda forma, o que seria esse recurso a vozes outras? Uma forma de endossar saberes, respaldar dizeres e mostrar que, embora nunca sejam original e exclusivamente nossas (já que não somos a fonte primária de um dizer / um saber), elas são sempre nossas. E embora nunca saibam tudo, a forma de sondagem e elicitación do que os alunos já conhecem nos ajuda a ver que sabem bastante...

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Palavras incertas. As não coincidências do dizer. São Paulo: Unicamp, 1998.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail M. Estética da Criação Verbal. SP: Martins Fontes, 2003.
- CORACINI, Maria José R.F. Ler Pêcheux hoje. No limiar das dúvidas e (in)certezas. Estudos da língua(gem). Vitória da Conquista. v.1, 2005. p.31-40.
- CULICOVER, Peter. The history of syntax. The Routledge Handbook of Syntax, 2014. pp. 465-489.
- CHARAUDEAU, Patrick. Les conditions de compréhension du sens de discours. In: Anais do I Encontro franco-brasileiro de Análise do Discurso. UFRJ: CIAD-Rio, 1995.
- CHARAUDEAU, Patrick. Dize-me qual é teu corpus que te direi qual é a tua problemática. Diadorim, Rio de Janeiro, v.10, p. 01 - 23, dez. 2011.
- LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação. Jan/fev./mar./abr. 2002. p.19-29
- MACHADO, Ida L. O ato de linguagem segundo a Semiologia: implicações, explicações e aplicações práticas. Gragoatá, Niterói, v.24, n. 50, p. 760-772, set.- dez. 2019.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 71-81.
- [MEIRELLES](#), Cecília. Obra Poética. 2a Ed. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1967, p.560-561.
- MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniele. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência. In: Referência. Clássicos da Linguística. São Paulo: Contexto, 2003. pp. 17-52.
- ORLANDI, Eni P. Dispositivo de análise. In: Análise do Discurso. Princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- PERINI, Mário Alberto. Sofrendo a gramática. São Paulo: Ática, 1997.
- VOLOCHINOV, Valentin N. Marxismo e filosofia da linguagem. Trad. Sheilla Grillo; Ekaterina Volkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.
- Submissão: março de 2022.**
Aceite: dezembro de 2022.